

Georges Didi-Huberman, *Atlas ou a Gaia Ciência Inquieta*

por Teresa Eça

APECV/I2ADS, Portugal

Ymago é um projeto editorial que possibilita o alargamento dos nossos horizontes de leituras sobre a teoria e a investigação das imagens, sobre as imagens e com as imagens. Os seus promotores estão a traduzir e a publicar textos chave para todos os que de um modo ou de outro se interessam por este tema. Já traduziram e publicaram quatro títulos de autores que pensam a imagem em termos inovadores. Uma dessas obras é 'Atlas ou a Gaia Ciência Inquieta' de Georges Didi-Huberman traduzido por R. C. Botelho e R. P. Cabral. Um livro notável, com uma excelente tradução.

Didi-Huberman, é um filósofo e historiador de arte, que tem apresentado uma visão muito crítica e pessoal questionando os pressupostos vasarianos, panofskianos e neo-kantianos da história da arte. Ele é um autor plurifacetado que tem assumido posições demarcadas, apoiado em referências teóricas como Warburg, Benjamin, Freud e Deleuze em relação à interpretação da arte. Para ele as imagens são complexas e contraditórias e têm dimensões empáticas, éticas e políticas. Neste livro 'Atlas ou a Gaia Ciência Inquieta', Didi-Huberman retoma o seu texto introdutório do catálogo da *exposição* *Cómo llevar el mundo auestas ? - Atlas. How to Carry the World on One's Back?* que Georges Didi-Huberman organizou no *Centro de Arte Reina Sofia (Madrid)* entre novembro 2010 e fevereiro 2011, mais tarde exposta no *ZKM-Zentrum für Kunst und Medientechnologie* de Karsrühe e em *Sammlung Falckenberg* em Hamburgo, entre maio e novembro de 2011.

O Atlas Mnemosyne é um marco importante na maneira como interrogamos o papel das imagens. Foi um momento de rutura epistemológica importante, tendo sido composto, decomposto, montado, remontado por Aby Warburg entre 1924 et 1929. O Atlas Mnemosyne é uma obra aberta ao acaso e à partilha, deixando em aberto interstícios, brechas, continuidades para que outros, como Didi-Huberman o possam interrogar para, nas palavras de Foulcault, exercitar uma arqueologia do saber visual. Trata-se de um autêntico processo de pesquisa, com um método que releva do poder que as imagens e a técnica de montagem de imagens têm de rondarem o real, de se associarem e de associarem outras ideias, conceitos e imagens para criar discursos. Ao abordar o Atlas como qualquer arquivo, incompleto, sujeito a erros e lacunas Didi-Huberman acerca-nos da impossibilidade de definir o real e das possibilidades da imagem tocar



Título: *Atlas ou a Gaia Ciência Inquieta*

Autor: Georges Didi-Huberman, trad. R. C. Botelho e R. P. Cabral

Ano: 2013

Editora: KKYM+EAUM

Local de publicação: Lisboa

315 páginas

ISBN: 978-84-8363-984-9

<http://cargocollective.com/ymago/Didi-Huberman-Txt-10>

o real através de processos de associação e de montagem, processos esses várias vezes evocados pelos pesquisadores que utilizam investigação baseada nas artes. A montagem no entender de Didi-Huberman não é a criação artificial de uma continuidade temporal a partir de “planos” descontínuos organizados em sequências. É, pelo contrário, um modo de desdobrar visualmente as discontinuidades do tempo da obra em toda a sequência da história.

No Atlas Mnémósine percorremos um processo arqueológico, numa viagem que vai desde a Babilónia até ao século XX, do Oriente ao Ocidente, dos *‘astras’* mais longínquos (constelações de ideias) até aos *‘monstra’* mais próximos (pulsões viscerais). Das belezas da arte aos horrores da história. Este livro evoca, através de uma escrita baseada em grandes planos mais do que em descrições contínuas as metamorfoses de Atlas, o titã condenado pelos deuses do Olimpo a carregar eternamente o peso do mundo. Recorrendo ao Atlas Mnemosyne, de Aby Warburg, Didi-Huberman encontra no género atlas, nesta forma visual do saber, um percurso que aborda o “saber pelo sofrimento” (*pathei mathos*), de Ésquilo, passando pela reinvenção warburguiana do género Atlas, onde as imagens se situam entre “a fantasia vibrante e a razão apaziguadora” até o “sabiamente caótico” atlas de Jorge Luis Borges. As imagens evocam, transcendem e alteram, são fantasmas. Ao atender ao *ethos* e ao *pathos* de uma única imagem, entra-se em contacto com a fina película do fantasma primitivo, explorada por Freud. Inerente à imagem estão os gestos, e expressões próprios de uma corporeidade que assombra a imagem, seja como “matriz”, seja como “expressão” ou “encarnação”, termos que fazem parte do vocabulário crítico de Georges Didi-Huberman.

No ‘remix’ Warburguiano feito por Didi-Huberman, sentimos algumas forças complementares que fazem parte de sua tarefa arqueológica. Uma dessas forças, que apela ao informe, ao sintoma e à metamorfose vem talvez da influência do filósofo Georges Bataille e do seu pensamento do não-saber. A outra força poderia vir da influência de Friedrich Nietzsche, com o *‘gai savoir’*. Georges Didi-Huberman leva em consideração ambos, o *não-saber* e o *saber alegre*, como aqueles que assombram o logos de uma teoria do conhecimento que paira sobre o sensível. Aqui, encontra-se uma primeira interferência que acontece pelo assombro, pois o espaço do desejo assombra o espaço do pensamento. Assim a construção do conhecimento vagueia entre *astra* e *monstra*, logos e sensível. É no conflito entre *astra* e *monstra* que o saber na cultura acontece de forma trágica e perturbadora e a ciência se reivindica como uma profecia, onde se captam as nuances de intuição do conhecimento e de uma inteligência capaz de adivinhar.

A ciência como profecia inclui outras maneiras de saber (saber pelo sofrimento tal como o titã Atlas que ao carregar o fardo do mundo acede a uma sabedoria imensa mas também trágica, o saber alegre ou ainda não-saber), ou seja um saber que existe nos limites, nos excessos. Compassado assim entre estas três

maneiras de entender o conhecimento, desde a primeira prancha dedicada à arte divinatória até à última que evoca a sombra do fascismo, é um livro que recolhe tal como Goya os 'Disparates' do mundo visível. Os seus 'Desastres' assentam perfeitamente nos paradoxos da erudição e da imaginação relatados por Jorge Luís Borges. Enfim é um livro que nos leva a pensar e questionar ética e politicamente, através das imagens e da montagem, as loucuras da história.

REFERÊNCIAS

BORGES, J. L. (2010). Atlas. São Paulo: Companhia das Letras.

DIDI-HUBERMAN, G. (2000). Atlas Cómo llevar el mundo a cuestras? Madrid: Reina Sofia.